

# PRIMÓRDIOS DA COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA NO RIO GRANDE DO SUL

## Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da Fabico/UFRGS

Aline Strelow, Ana Gruszynski, André Iribure Rodrigues, Andréa Brächer, Cida Golin, Karla Maria Müller, Maria Berenice da Costa Machado, Mariângela Machado Toaldo, Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves (orgs.)

### CORRESPONDENCIA

hum Escravo Mariuheiro por nome Manoel, alto, beijos groços, quem souber doudito escravo e o levar á Rua da Praia N° 125 ahí receberá boas alviças; e na mesma Caza veñde hum escravo ainda moço, que sabe cozinhar, e lavar, quem o pertender derijase a mesma Caza que ahí achará com quem tratar.

Sr. Redactor

Blankston, em seus Commentarios sobre as Leis da Inglaterra defing a liberdade da Imprensa ser o não haver restricção de qualquer escripto, e não o ser exempto de castigo hum autor quando publica qualquer materia criminosa. Todo o homem livre, diz aquelle autor, tem o indubitavel direito de expor os sentimentos que elle quizer ao Publico; prohibir-lhe isto, he destruir a liberdade da Imprensa; porem se alguem publicar o que for improprio, maligno, ou illegal, he precizo que tom; as consequencias da sua temeridade. Si geitar a Imprensa ao poder restrictivo de outros, he agerter toda a liberdade de pensamento, e as preocupações de hum só homem, puzendo d'elle o Juiz arbitrario, e infallivel de todos os pontos de controversia em Sciencia, Religião, e Governo. Porem, castigar como fazem as Leis de Inglaterra quaesquer publicações perigosas, ou offensivas, de

EDITORA  INSULAR

ANN

ACH

HYMNO

NOTICIAS ES  
BUENOS

ARTIGOS DE OFI

CARTA DE I

*Organização*

Aline Strelow, Ana Gruszynski, André Iribure Rodrigues,  
Andréa Brächer, Cida Golin, Karla Maria Müller, Maria  
Berenice da Costa Machado, Mariângela Machado Toaldo  
e Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves

# **Primórdios da Comunicação Midiática no Rio Grande do Sul**

Florianópolis

EDITORA  INSULAR

2021

Editora Insular

## Primórdios da Comunicação Midiática no Rio Grande do Sul

Aline Strelow, Ana Gruszynski, André Iribure Rodrigues, Andréa Brächer, Cida Golin, Karla Maria Müller, Maria Berenice da Costa Machado, Mariângela Machado Toaldo e Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves (org.)

### CONSELHO EDITORIAL

Dilvo Ristoff, Eduardo Meditsch, Jali Meirinho, Jéferson Silveira Dantas, Nilson Cesar Fraga, Pablo Ornelas Rosa e Sergio Ferreira Mota

#### EDITOR

Nelson Rolim de Moura

#### REVISÃO

Carlos Neto

#### PROJETO GRÁFICO

Eduardo Cazon

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

---

**S915p** Strelow, Aline (org.) et al.

Primórdios da Comunicação Midiática no Rio grande do Sul / Organizadores: Aline Strelow, Ana Gruszynski, André Iribure Rodrigues, Andréa Brächer, Cida Golin, Karla Maria Müller, Maria Berenice da Costa Machado, Mariângela Machado Toaldo e Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves. – 1. ed. – Florianópolis, SC : Editora Insular, 2021. 328 p.; fotografias; E-Book: 16 Mb; PDF.

ISBN 978-85-524-0176-6

1. História da Comunicação. 2. Meios de Comunicação. 3. Processos Comunicacionais. 4. Rio Grande do Sul. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

21-30246105

CDD 302.23:918.165

CDU 316.774(816.5)

---

#### ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Mídias / Meios de comunicação; Rio Grande do Sul.
2. Mídia (Rio Grande do Sul).

---

STRELOW, Aline (org.) et al. **Primórdios da Comunicação Midiática no Rio Grande do Sul**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021. EBook (PDF; 16 Mb). ISBN 978-85-524-0176-6.

#### EDITORA INSULAR

(48) 3232-9591

editora@insular.com.br

facebook.com/EditoraInsular

twitter.com/EditoraInsular

www.insular.com.br

#### INSULAR LIVROS

(48) 3334-2729

Florianópolis/SC – CEP 88025-210

Rua Antonio Carlos Ferreira, 537

Bairro Agrônômica

insularlivros@gmail.com

# CAPÍTULO 1

## Diário de Porto Alegre: O primeiro jornal do Rio Grande do Sul

Aline Strelow (UFRGS)

Ana Gruszynski (UFRGS)

Antonio Hohlfeldt (PUCRS)

O dia 1º de junho de 1827 marcou o nascimento da imprensa no Rio Grande do Sul, com o lançamento do *Diário de Porto Alegre* (Fig. 1), primeiro jornal da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Composto e impresso na Tipografia Rio-Grandense, trazia, entre outros textos, atos e comunicados oficiais do governo provincial – o periódico surgiu, aliás, sob a proteção do presidente da Província, Salvador José Maciel (Vianna, 1977, p. 17).

Figura 1: Capa do *Diário de Porto Alegre* do dia 03 de julho de 1827.



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Desde o final do século XIX, estudiosos têm se dedicado a pesquisar este jornal, com maior ou menor profundidade, de acordo com seus objetivos de investigação. Certo é que o *Diário de Porto Alegre* é sempre citado nos trabalhos voltados à gênese da imprensa no Rio Grande do Sul, embora nenhum deles tenha realizado uma análise focada em seus textos. Neste capítulo, com o objetivo de estudar esse jornal pioneiro e colocá-lo em diálogo com outros objetos de pesquisa que ajudam a compreender os *primórdios da comunicação midiática no Rio Grande do Sul*, traça-se um breve panorama histórico do periódico, com base na pesquisa bibliográfica e na documental. Identifica-se e sistematiza-se as características materiais e dados de 34 edições que dele circularam, entre os anos de 1827 e 1828, utilizando-se da análise de conteúdo para avaliar a organização de seus textos e os temas abordados ao longo de suas edições. Os exemplares foram consultados no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

## **A instalação da tipografia na Província de São Pedro**

De acordo com Rüdiger (1985, p. 116 e 117), o primeiro projeto para a instalação de uma tipografia na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul data de 1821 – sua efetivação, no entanto, ainda é matéria não decidida. Naquele ano, o brigadeiro português João Carlos Saldanha e Daun, então presidente da Província, fez uma subscrição entre os comerciantes locais para a aquisição de material tipográfico no Rio de Janeiro. A carga teria chegado pelo bergantim

Reino Unido<sup>1</sup>, de acordo com fatura de 04 de agosto de 1822, quando o brigadeiro se preparava para deixar a província e partir para o Rio de Janeiro, onde seria preso (Ribeiro, 2012, p. 67). O projeto de instalação da imprensa precisaria esperar.

Em 1826, chegava a Porto Alegre o tenente-general Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquês de Barbacena, nomeado chefe das forças imperiais em ação no Rio Grande do Sul, contra a República das Províncias Unidas do Rio da Prata, no contexto da Guerra da Cisplatina. Ao deixar o Rio de Janeiro, com destino ao Sul, como lembra Ericksen (1940, p. 8), Brant solicitara ao então ministro da Guerra que fosse enviada para a Província uma tipografia de campanha. “A solicitação foi atendida prontamente, sabendo-se que a tipografia em apreço teria vindo com os transportes de guerra de D. Pedro na sua viagem ao Sul”, salienta o autor (1940, p. 8).

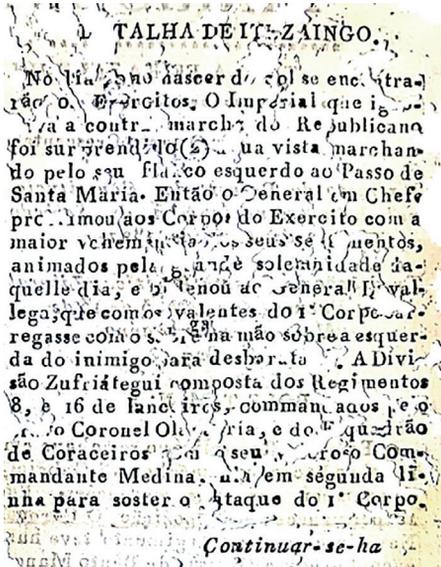
Este prelo chegou no dia 23 de janeiro de 1827. Sabe-se que foram impressos nessa tipografia pelo menos dois boletins e uma proclamação – o primeiro com data de 5 de fevereiro de 1827, no acampamento das margens do arroio das Palmas; o segundo e a terceira, ambos com a mesma data (17 de fevereiro de 1827), no Quartel General de São Gabriel – todos os documentos traziam a inscrição: Tipografia Imperial do Exército (Reverbel, 1996). No entanto, durante a Batalha de Passo do Rosário – Ituzaingó, para os platinos (Fig. 2) –, o exército argentino teria apreendido

---

1. Sobre a embarcação, conferir <https://arquivohistorico.marinha.pt/details?id=802>

material bélico e também os restos de *uma imprensa*, que seria, provavelmente, esta tipografia, tornando frágil a hipótese de que, com seus materiais, tivesse sido impresso o *Diário de Porto Alegre* (Ericksen, 1977, p. 9).

Figura 2: Detalhe do *Diário de Porto Alegre* do dia 31 de julho de 1827 onde se informa sobre a Batalha de Ituzaingó.



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Embora haja dúvidas a respeito de qual tipografia teria dado origem à imprensa no estado, prevalece a versão de Ericksen (1977), de que a Tipografia Rio-Grandense, onde era composto e impresso o *Diário de Porto Alegre*, fora criada com aqueles materiais tipográficos que chegaram a Porto Alegre em 1822, no bergantim Reino Unido. “O que causa espécie, contudo, é o fato de, somente quase após

cinco anos da chegada do material tipográfico, ter saído em Porto Alegre o primeiro periódico. A que atribuir esse hiato? Conveniências de natureza política ou econômica ou efeito da censura ou interesse dos governadores?”, questiona (Ericksen, 1977, p. 18), lembrando que não há documentos que apontem para respostas a essas questões.

Baumgarten (1982, p. 13) caracteriza o Rio Grande do Sul dos séculos XVIII e XIX como um verdadeiro acampamento militar. O estado permanente de guerra, somado à atividade campeira, contribuiu para a caracterização do gaúcho, mas também para o pequeno desenvolvimento cultural que o estado apresentava até então. O crescimento e a importância econômica da província eram ainda acompanhados por um *vazio* no que dizia respeito à ilustração: “Para uma população avaliada em pouco mais de 106 mil almas no ano de 1823, as escolas eram praticamente nenhuma”, descreve Cesar (1971, p. 68).

*Figura 3: Aquarela do pintor francês Jean-Baptiste Debret intitulada Paranaaguá. Porém, o título seria um equívoco do autor e a paisagem seria de Porto Alegre, no ano de 1827. No canto esquerdo, estaria o Caminho Novo (atual Rua Voluntários da Pátria).*



Fonte: Disponível em <https://bit.ly/2QYPNnp>.

A Porto Alegre da década de 1820 (Fig. 3), que se inicia com 12 mil habitantes, começa a assentar-se como núcleo

mais estruturado do que o dos anos do início de sua ocupação e fixação no território – é o momento em que se consolidam suas características de entreposto comercial e porto de escoamento da produção regional, com o estabelecimento das colônias de imigrantes alemães, vindos a partir de 1824 (Mello, 2010, p. 45). A condição de cidade fora alcançada em 1822.

Não havia clubes para receber a sociedade local, como lembra Macedo (1999, p. 47-48) – os encontros e festas eram realizados em residências de pessoas abastadas, que reuniam periodicamente os amigos e realizavam saraus musicais. A agitação intelectual, no entanto, não demoraria a acontecer – antes ainda do início da Revolução Farroupilha, em 1835, circularam jornais que atuaram como seus precursores, defendendo, em lados opostos da trincheira, as ideias que dariam corpo ao conflito. A vibração política era seguida de perto por preocupações de ordem literária em, pelo menos, seis centros principais – Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Caçapava, Rio Pardo e Alegrete (Cesar, 1971, p. 70). A partir de 1830, começara-se a discutir a construção de um prédio verdadeiramente adaptado à atividade teatral, o que se concretizaria, contudo, apenas em 1858, com o atual Teatro São Pedro.

## **Primeira fase da imprensa no Rio Grande do Sul**

Considera-se a *pré-história* da imprensa sul-rio-grandense a partir de 1827, data em que – devido a um decreto de Dom Pedro I, extinguindo a censura – surgiu boa parte da imprensa das províncias, inclusive a do Rio Grande do

Sul, com o *Diário de Porto Alegre* (Sodré, 1977; Vianna, 1977). Essa primeira fase se caracteriza pela efemeridade, pela generalizada falta de qualidade das publicações [com exceções, é claro], e pela relação direta de propriedade/editoria de seus responsáveis, ou seja, o *publicista* é o proprietário de um prelo e de uma coleção de tipos e divulga sobretudo as suas próprias ideias.

Essa fase se caracteriza por publicações precárias e pouco qualificadas, desenvolvendo-se até 1835, quando explode a Revolução Farroupilha. A gênese da imprensa no Rio Grande do Sul está ligada, assim, ao processo político que desembocaria nessa revolução, como explica Rüdiger (2003, p. 18): “No final dos anos 20, a economia pastoril entrou em relativa estagnação, que teve ressonância no plano político. Na conjuntura, saltou à vista da classe dominante local (estancieiros e charqueadores) sua subordinação política ao centro de poder do Rio de Janeiro”. A sociedade gaúcha, segundo o autor, havia atingido um grau de desenvolvimento econômico, político e social considerável – as condições de civilização estavam começando a progredir e surgia um público letrado que precisava ser contemplado, especialmente para fazer frente à circulação de boatos e informações contraditórias que punham em perigo o próprio exercício do governo.

Surgiria, em seguida, uma imprensa revolucionária, compreendendo um período anterior à Revolução Farroupilha, entre 1830, mais ou menos, quando se radicalizam os sentimentos revolucionários, e 1845, quando a totalidade dos jornais publicados segue uma orientação determinada, a favor ou contra os rebeldes. Terminado o conflito,

organiza-se uma imprensa partidária ou panfletária *civil*, que vai de 1850 até 1900, pelo menos, quando os proprietários e editores de periódicos se alinham obrigatoriamente a algum dos partidos políticos existentes, uma vez que, sem tal vínculo, era quase impossível a sobrevivência financeira. Contudo, essa imprensa já não é mais exclusivamente partidária. É de se lembrar que, até então, inexistia a publicidade paga, capaz de sustentar uma publicação; essa fase começa a ser quebrada com o surgimento do *Correio do Povo*, em 1895, mas, especialmente, com o cansaço e o desgaste que os partidos políticos sofreram depois da Revolução de 1893.

Verifica-se, portanto, que esse período apresenta *nuanças* que podem ser assim caracterizadas: (1) uma imprensa pasquineira, entre 1827 e 1835, marcada pela coincidência entre impressores gráficos, proprietários de imprensa e redatores de publicações que são mais panfletos que jornais, propriamente ditos; (2) uma imprensa revolucionária, que mescla notícias da nova república e artigos de fundo de caráter ideológico e propagandístico; e (3) uma imprensa partidária mais moderna, marcada talvez pelas influências do liberalismo, que se preocupa e disputa a opinião pública<sup>2</sup>.

## ***Diário de Porto Alegre: sede e profissionais***

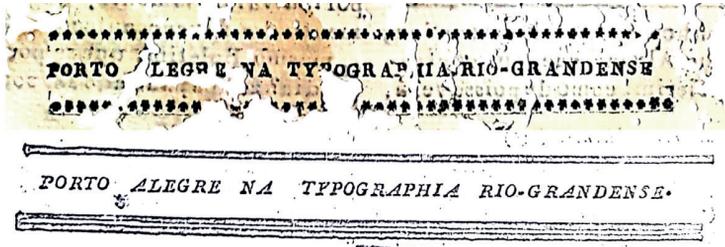
Durante o governo de Salvador José Maciel seria lançado, então, o primeiro jornal da Província de São Pedro do Rio

- 
2. Já observamos, anteriormente que, na verdade, qualquer tentativa de periodização é sempre precária, eis que as características de cada período se antecipam ou sobrevivem a um outro (HOHLFELDT et RAUSCH, 2006)

Grande do Sul. Para alguns, tratava-se de um jornal oficial – Vianna destaca que, por cima do cabeçalho, marcando de forma clara sua condição, vinha estampada a coroa imperial (1977, p. 18). No entanto, embora em suas páginas tenham sido publicados vários ofícios, atos e comunicados do governo provincial, Ericksen (1977, p. 20) sustenta que o *Diário de Porto Alegre* não era um “órgão oficial do governo ou de qualquer corrente dominante de opinião no momento em que surgiu e assim permaneceu durante sua efêmera existência” – o jornal deixou de circular um ano após o seu lançamento, em 1828. De acordo com Lessa (2002, p. 183), ele teria sido criado com o objetivo de refletir o pensamento do governo provincial e, por conta do espírito combativo de um de seus integrantes, Lourenço de Castro Júnior, que acabou se incompatibilizando com o governo, teve vida efêmera.

Outro aspecto controverso está relacionado à sede do jornal, ou melhor, ao local onde se achava instalada a Tipografia Rio-Grandense (Fig. 4). Alguns historiadores afirmam que a mesma foi montada em uma sala do Palácio do Governo, mas também é presente a versão de que estava localizada na antiga Rua da Igreja, nº 113, hoje Rua Duque de Caxias (Vianna, 1977, p. 20). Suas edições avulsas eram vendidas a 40 réis, na loja de José Justiniano de Azevedo, na Rua da Praia, nº 85 (Barreto, 1986, p. 23).

Figura 4: Exemplos de assinatura da Typographia Rio-Grandense no rodapé de edições do Diário de Porto Alegre em 1827 e 1828.



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

O jornal circulava diariamente em Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo, com exceção de domingos e feriados. A composição e a impressão do *Diário de Porto Alegre* coube aos exilados franceses Claude Dubreuil e Estivalet – sobre isso não há dúvida –, que, durante a Guerra Cisplatina, desertaram das tropas do general Carlos Maia Alvear, foram levados presos para o Rio de Janeiro e de lá regressaram a Porto Alegre, já contratados para a impressão do periódico (Reverbel, 1996). Contribuiu intelectualmente para o jornal Lourenço de Castro Júnior, quem, durante muito tempo, foi citado como redator do jornal, embora o mais provável é que essa atividade tenha sido exercida por João Inácio da Cunha, que era também o administrador da folha, e por Vicente Ferreira Gomes, conhecido como *Carona* (Vianna, 1977, p. 20).

Na Guerra Cisplatina, Dubreuil e Estivalet atuaram como tipógrafo e impressor de boletins, respectivamente (Ribeiro, 2012, p. 68). De acordo com Reverbel, (1996, p. 24), teriam sido eles os responsáveis pelos materiais impressos pela Tipografia Imperial do Exército, sob o comando do

Marquês de Barbacena, antes da Batalha do Passo do Rosário. Após fixarem residência em Porto Alegre, desempenharam papel importante nos primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul (Vianna, 1977, p. 20).

Como sublinha Reverbel (1996), a vinda desses franceses contribuiu para o estabelecimento da imprensa na então Província sulina. Após o término do *Diário de Porto Alegre*, Dubreuil, que tinha 22 anos à época, permaneceu na cidade e se transformou num dos principais construtores da imprensa e do próprio jornalismo no Rio Grande do Sul, tendo participado, individualmente ou em grupo, em mais de vinte iniciativas na área gráfica e jornalística: “Chegou apenas como impressor, mas não tardou a desdobrar as suas atividades, em moldes correspondentes ao que atualmente se entende por empresário”, sublinha Reverbel (1996, p. 29).

Barreto (1986, p. 15) salienta o “exemplo inveterado de amor às lides jornalísticas” dado por Dubreuil, cujas atividades como editor de vários órgãos, publicados muitas vezes simultaneamente, custaram-lhe insultos, detenções, atentados e até a deportação da Província e do país, “sem que isso arrefecesse seu entusiasmo por elas ou o fizesse desistir de voltar novamente à carga no mesmo tom e na primeira oportunidade que se lhe reabrisse”.

A respeito de Estivalet, as obras sobre a história da imprensa no Rio Grande do Sul apontam sua contribuição à área circunscrita ao *Diário de Porto Alegre* e sequer mencionam seu primeiro nome, tido como desconhecido. Tudo leva a crer, no entanto, que se trate de Claude Joseph Stivalet, que aportuguesou seu nome para Cláudio José Estivalet e, após participar dessa experiência pioneira, mudou-se para

o interior do Rio Grande do Sul, sendo um dos primeiros povoadores da Freguesia de São Francisco de Assis (Haigert, 1999, p. 95). De acordo com Haigert (1999, p. 97), “no ano de 1829, os criadores do *Diário de Porto Alegre* desentenderam-se com o governo e Claude Joseph Stivalet migrou para o interior, para comerciar em São Francisco de Assis”.

Sobre o primeiro redator do jornal, João Inácio da Cunha, pouco se sabe. Há menções ao Visconde de Alcântara, que tinha o mesmo nome, mas dificilmente tratava-se da mesma pessoa – no período em que circulou o *Diário de Porto Alegre*, o Visconde de Alcântara ocupava o cargo de Regedor na Casa da Suplicação da Bahia (Paranhos, s. d.). Como já dito, o português Lourenço de Castro Júnior, que foi também comandante de polícia e pertenceu ao Partido Caramuru (Martins, 1978, p. 140), aparece muitas vezes como redator e administrador do jornal, mas se trata, segundo Ericksen (1977), de um equívoco. De qualquer modo, era Castro Júnior o diretor da Tipografia Rio-grandense, o que justifica as tantas menções a seu nome e a sua influência na trajetória do periódico que lá era composto e impresso.

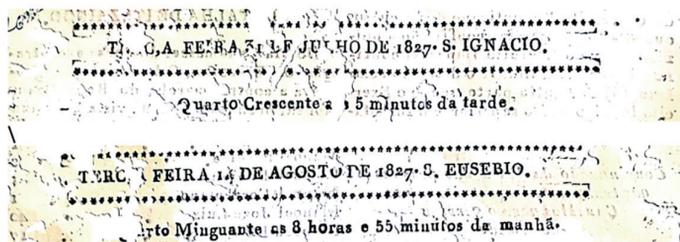
João Inácio da Cunha teria sido substituído na redação do jornal por Vicente Ferreira Gomes, que era amigo de Salvador José Maciel. Gomes tinha 22 anos à época e, além de jornalista, foi escriturário da contadoria da Junta da Fazenda, juiz municipal e advogado em Porto Alegre, deputado e, em 1836, chefe de polícia (Martins, 1978). Em 1828, ano em que deixou de circular o *Diário de Porto Alegre*, Gomes lançou o *Constitucional Rio-grandense* – para alguns pesquisadores (Reverbel, 1968), o primeiro marcaria o nascimento da *imprensa* no Rio Grande do Sul e o segundo, do

*jornalismo*, com o espaço para o debate de ideias que praticamente inexistia no *Diário*. Naquele mesmo ano, o jornalista integrou-se ao grupo Sociedade do Teatrinho, em peças nas quais “brilhavam muitos jovens porto-alegrenses”, como salienta Damasceno Ferreira (1956, p. 11).

## ***Diário de Porto Alegre: forma e conteúdo***

O periódico consistia em apenas duas páginas (uma folha, frente e verso), de 30 cm de altura por 18 cm de largura. Abaixo do cabeçalho, trazia a indicação sobre o santo do dia. Destaca-se ainda que, em algumas edições, o fólio trazia menção às fases da lua e o horário em que o periódico havia finalizado sua impressão.

Figura 5: Exemplos de fólio com indicação do santo do dia, fases da lua e horário de fechamento de edições do *Diário de Porto Alegre*, em julho e agosto de 1827.



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Em seu primeiro número, a folha publicou um texto de agradecimento àqueles que colaboraram para a compra da tipografia, que teria sido adquirida com o produto de contribuições de pessoas generosas (Ericksen, 1977, p. 17-18):

Fazendo-nos dignos de respeito e considerações todos aqueles que procuram promover a instrução pública, como o mais seguro modo de tornar os homens bons, e felizes; e sendo a imprensa o meio mais fácil de comunicação de pensamento, e o mais preferível de todos os métodos para os Povos adquirirem os conhecimentos, que são inerentes à sua prosperidade, por isso, expomos aos Rio-Grandenses os nomes daqueles, que ávidos de prosperidade pública contribuíram generosamente para a compra da Tipografia, que ora se deve o presente Diário.

A análise de conteúdo do *Diário de Porto Alegre* teve como base o modelo proposto por Bardin (1977). Foram catalogadas todas as edições completas disponíveis para consulta no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. No seu conjunto, foram analisadas 34 edições (Tabela 1), publicadas entre os anos de 1827 e 1828.

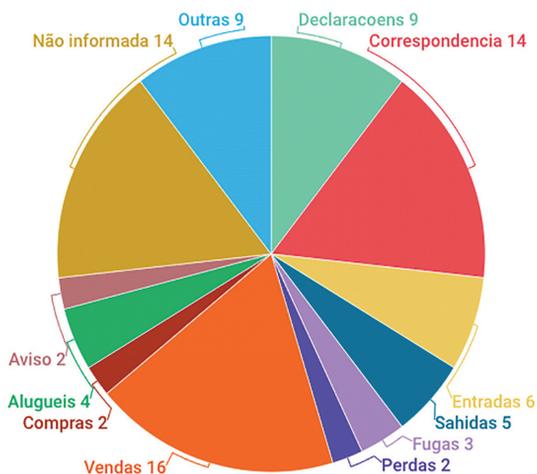
Tabela 1: Edições do Diário de Porto Alegre que compuseram o corpus

ANO	DATA	ANO	DATA
1827	23 de junho, sabbado	1827	22 de agosto, quarta
1827	3 de julho, terça	1827	29 de agosto, quarta
1827	7 de julho, sabbado	1827	30 de agosto, quinta
1827	11 de julho, quarta	1827	31 de agosto, sexta
1827	12 de julho, quinta	1827	3 de setembro, segunda
1827	16 de julho, segunda	1827	4 de setembro, terça
1827	19 de julho, quinta	1827	5 de setembro, quarta
1827	26 de julho, quinta	1827	7 de setembro, sexta
1827	31 de julho, terça	1827	11 de setembro, terça
1827	2 de agosto, quinta	1827	12 de setembro, quarta
1827	3 de agosto, sexta	1827	17 de setembro, segunda
1827	4 de agosto, sabbado	1827	19 de setembro, quarta
1827	7 de agosto, terça	1827	22 de setembro, sabbado
1827	9 de agosto, quinta	1827	25 de setembro, terça
1827	11 de agosto, sabbado	1827	27 de setembro, quinta
1827	14 de agosto, terça	1828	11 de janeiro, sexta
1827	16 de agosto, quinta	1828	17 de janeiro, quinta

Fonte: Elaborada pelos autores.

Observou-se a distribuição dos textos em seções (editoriais, no jargão contemporâneo) que se repetiam, a sua maioria, ao longo das edições. O uso de uma chamada específica para um determinado texto não era comum; o usual era apenas um texto ou um conjunto relacionado, organizado em torno de um tema ou finalidade (Fig. 6). As seções (editoriais) identificadas (Gráfico 1) foram: *Vendas* (16), *Correspondencia* (14), *Declaraçoens* (9), *Entradas* (6), *Sahidas* (5), *Fugas* (3), *Perdas* (2), *Compras* (2), *Alugueis* (4), *Achados* (1), *Aviso* (2), Não informada (14), Outras (9). Estas últimas apareceram em apenas uma edição do *corpus* e compreendem: *Boletim*, *Batalha de Ituzaingó*, *Soneto*, *Ode*, *Hynno Provincial*, *Noticias estrangeiras – Buenos Aires*, *Annuncio*, *Achados* e *Artigos de Officos – Cartas da lei*.

Gráfico 1: Seções do Diário de Porto Alegre identificadas no corpus analisado.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 6: Indicação gráfica das seções (editoriais) recorrentes e eventuais (outras) do jornal.



Fonte: Elaborada pelos autores.

A seção mais recorrente é *Vendas*, reunindo anúncios voltados ao comércio de imóveis, utensílios, livros e, muitos deles, de pessoas escravizadas. Estão também em destaque as *Declarações* que, quando aparecem, encontram-se sempre na capa do periódico – trata-se, de modo geral, da transcrição de ofícios assinados pelo presidente da Província ou a ele dirigidos – os nomes tanto do remetente quanto do destinatário da mensagem só aparecem no final do texto, como já observou Ribeiro (2012). A seção *Correspondencia* reúne cartas endereçadas ao redator do jornal, com assuntos diversos – na edição de 25 de setembro de 1827 (Fig. 7), por

exemplo, foi publicada a carta de Francisco de Souza Filho, que se apresentava como *O cidadão pacífico*.

Figura 7: Detalhe da seção Correspondencia edição de 25 de setembro de 1827.

Cidadãos, compatriotas meus,  
ignorem ainda hoje o motivo da mi-  
nha prisão, e outros não acreditem  
as minhas persuasões, desconfiando  
assim da minha honra e probidade,  
rogo ao Sr. Redator queira inserir  
no seu Diário estas regras, para que  
tendo a publicidade devida, não só  
me fação justiça, como tenham toda  
a cautella de olhar para os pés quan-  
do andarem na Rua, a fim de não pi-  
sarem os de algum escravo, evitando  
assim igual sorte á minha.

O Cidadão pacífico

Francisco de Azevedo Souza filho.

Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

O autor escreve para esclarecer os motivos que levaram à sua prisão, por algumas horas – considerada, por ele, injusta. Em uma discussão de rua, Souza Filho teria dado um tapa no rosto de um *moleque* negro e escravizado: “Teria por acaso cometido crime para se me formar Summario? E em summa mereceria indigno tratamento, que se me deu em toda a extensão, por ter levemente pisado sem querer hum pé de um moleque captivo, repellindo-lhe com uma pequena bofetada o desaforo e a altivez com que publicamente me insultou?” A objetificação dos escravizados, como uma categoria inferior, que pode ser violentada, vendida, alugada e perseguida perpassa as diferentes seções do *Diário de Porto Alegre*.

A carta recebeu resposta de outro leitor na edição seguinte, questionando o tempo que teria levado Souza

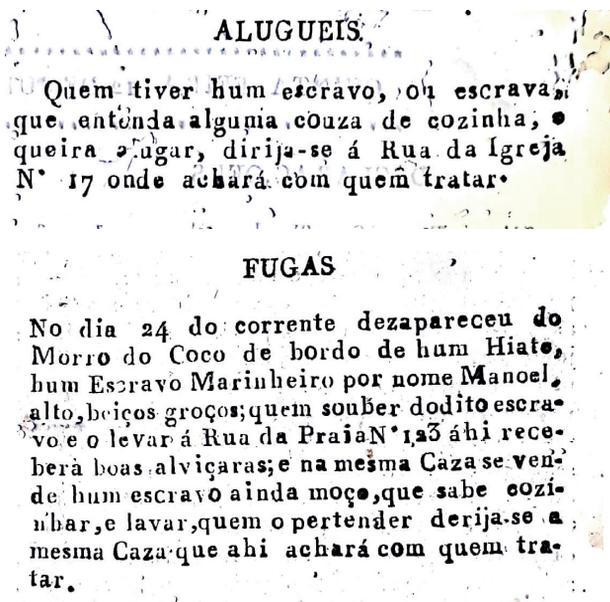
para expor o fato, tendo em vista que o então *senhor* do cativo, Agostinho Moreira Guerra, que ocupava o posto de juiz de fora do Rio Grande, já não se encontrava mais na província quando daquela explicação. A nota da redação, publicada na edição de 27 de setembro de 1827 deixa entrever os procedimentos e critérios do jornal, que demorou para divulgar a carta, à espera do reconhecimento da firma de seu autor, por seu conteúdo fazer menção a um funcionário público:

Quando recebi o Comunicado de meu Correspondente Francisco de Azevedo Souza Filho, ainda se achava na Villa Rio Grande o respectivo Juiz de Fóra, de que trata o dito Souza; porém como não veio legalizado o Original pela falta de reconhecimento na firma do seu Auctor, foi mister devolve-lo a seu Procurador para vir com esse requisito por se tratar de hum funcionário público.

Do Redactor.

As seções *Entradas* e *Sahidas* registram, em notas, as partidas e chegadas ao porto local de embarcações nacionais e estrangeiras, assim como destacam os nomes de alguns passageiros e a carga. Em *Aluguéis*, assim como em *Vendas*, são publicados anúncios de imóveis, móveis e escravizados – os textos também são divulgados por interessados em fazer locações, como é o caso do anúncio publicado no dia 12 de julho de 1827 (Fig. 8): “Quem tiver hum escravo, ou escrava, que entenda alguma couza de cozinha, e queira alugar, dirija-se á Rua da Igreja N° 17 onde achará com quem tratar”.

Figura 8: Detalhe da seção Alugueis da edição de 12 de julho de 1827 e da seção Fugas de 03 de julho de 1827.



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

As seções *Achados*, *Avisos*, *Compras*, *Fugas* e *Perdas* aparecem em menor número e reúnem pequenos anúncios comerciais (de produtos ou pessoas) e notas informativas, como é o caso de um aviso publicado no dia 22 de agosto de 1827, que registra a mudança de endereço do leitor Thomaz Ignácio da Silva. Em *Fugas*, são anunciados os escravos desaparecidos, como se vê na edição de 03 de julho de 1827 (Fig. 8): “No dia 24 do corrente desapareceu no Morro do Coco de bordo de um Hiato, um Escravo Marinheiro por nome Manoel; alto; beiços grossos; quem souber do dito escravo e o levar á Rua da Praia N.º 123 áhi receberá boas alviçaras”.

Ao longo das edições, encontram-se diferentes tipos de listas (Figura 9). São relações de pessoas que emprestavam gratuitamente cavalos, bois e carretas para o serviço do Estado, assim como subscrições voluntárias para despesas de guerra e de bens que seriam sorteados em uma rifa.

Figura 9: Detalhes da indicação de diferentes tipos de listas em edições que compuseram o corpus.

Continuação da lista das pessoas que tem prestado gratuitamente Cavallos, Bois, e Carretas para o serviço do Estado.

Continuação da subscrição voluntaria para a despesa da guerra da Provincia, inscrita no Diario antecedente.

Por esquecimento do compositor não foram contemplados na primeira Lista dos assinantes deste Diario, os Senhores abaixo mencionados, que pagarão o semestre adiantado.

Senhores.....

Lista das pessoas que assinaram para este Diario no mez proximo preterito.

Senho e.....

Plano da Riffa dos trastes, e jóias, que faz Eufrazio Joze Carlos de Oliveira, morador na Rua da Praia Caza N° 90 a saber

Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

No caso dos cidadãos que emprestavam animais para o Estado, os citados são em sua maioria homens e alguns deles são figuras proeminentes da sociedade da época. As poucas mulheres mencionadas são viúvas e a maioria não tem seus nomes publicados, apenas os de seus falecidos maridos, como “A Viuva de Felipe Brancezo”, que consta na lista de 19 de julho de 1827. Os assinantes do jornal são relacionados em listas que indicam, tanto aqueles que pagam o semestre adiantado, quanto os que quitam a assinatura pelo período de uma semana.

### ***Diário de Porto Alegre: temas abordados***

Os textos das edições disponíveis também foram catalogados em relação a seus temas. Foram identificados 19 temas entre os 125 textos encontrados – cinco deles estavam ilegíveis por conta da deterioração das páginas e seus temas não puderam ser analisados. Assim, em 120 textos, os resultados são os seguintes: *Guerra da Cisplatina* (37), *Compra e venda de produtos/imóveis/terrenos/animais* (30), *Venda, compra, aluguel e fuga de escravos* (22), *Partidas e chegadas do porto* (12), *Empréstimos de bois, cavalos, carretas e outros para o Estado* (8), *Violência (atentados, assaltos, prisões etc.)* (5), *Achados e perdidos* (3), *Listas de assinantes* (3), *Economia nacional* (3), *Avisos de leitores* (3), *Avisos do governo* (2), *Resumos de trabalhos oficiais* (2), *Imprensa* (2), *Compra de gado para o exército* (2), *Justiça e leis* (2). Os temas *Educação*, *Monarquia* e *Patriotismo* aparecem cada um uma única vez. Há, ainda, o registro da publicação, em uma das edições, do *Hino Provincial*.

Gráfico 2: Temas do Diário de Porto Alegre identificados no corpus analisado.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Observa-se que a Guerra da Cisplatina consta como o tema mais recorrente do jornal, presente em todo o período analisado em diferentes seções, com destaque para a seção *Declaraçoens*. O conflito deu-se no litoral meridional brasileiro e adjacências, envolvendo o Brasil e a Argentina, entre os anos de 1825 e 1828, pelo domínio da Província Cisplatina:

Buenos Aires não reconheceu a incorporação da Banda Oriental ao espaço brasileiro (o que ocorreu em 1821, ainda sob o reinado joanino, quando a região foi denominada Província Cisplatina) e exigiu ao Império do Brasil a devolução do território às Províncias Unidas do Rio da Prata. Diante da recusa brasileira, o combate armado tornou-se inevitável para as partes, tendo sido a primeira providência do Império do Brasil bloquear os portos na região. O conflito cessou somente quando a Grã-Bretanha interferiu no processo, ao propor uma Convenção de Paz, em 1828. Com o fim dos embates, a então Província Cisplatina tornou-se o Estado do Uruguai, do qual Fructuoso Rivera tornar-se-ia o primeiro presidente (Pereira, 2005, p. 1).

Os textos relacionados ao assunto abordam diferentes aspectos do conflito, como episódios de maior violência e a necessidade de envio de remédios para atender os soldados que adoeciam em serviço. Em 21 de agosto de 1827, é publicada a continuação de um texto que saiu originalmente no *Despertador Constitucional Extraordinário* (Rio de Janeiro) de 12 de maio do mesmo ano: “A cavallaria inimiga pelo centro havia sido obrigada a ceder terreno, seguindo a sua infantaria, perseguida pelos nossos 4 Batalhões. [...] O sangue frio dos artilheiros e as suas boas pontarias forão o terror do inimigo”. A divulgação de fatos e informações já

transmitidas por outros periódicos era bastante comum ao longo do século XIX. Como salienta Barbosa (2010, p.22), todos *copilam* notícias já publicadas em outros lugares e países.

Mesmo quando não citada diretamente, a Guerra Cisplatina também está presente nas listas de empréstimos de bois, cavalos e carretas para o Estado, uma vez que esses empréstimos, em geral, eram direcionados ao conflito. Isso porque, como explica Miranda (2008), com a guerra, as despesas da Província aumentaram – eram gastos com os soldos das tropas milicianas mobilizadas e das tropas regulares provenientes de outras províncias, encargos com alimentação dos soldados, com a compra de cavalos, bois e carretas para o transporte de víveres, armamentos, munições e a compra ou construção de iates e embarcações necessárias às manobras no Rio da Prata e à segurança da barra do Rio Grande. Assim, charqueadores, estancieiros e comerciantes mais abonados, para aumentar seu prestígio junto aos governos provincial e central, colocavam à disposição das autoridades recursos necessários, como homens, animais e estâncias. O *Diário de Porto Alegre* registrava esses empréstimos e garantia visibilidade e reconhecimento a seus responsáveis.

A análise das seções do jornal apontou a predominância de *Vendas*. A prática europeia de venda de espaços nos jornais, destinados às informações e anúncios da comunidade, foi adotada desde o início da história da imprensa no Brasil, como lembra Martins (1997). Eram textos com tom pessoal, muitas vezes redigidos pelos próprios leitores-anunciantes (Sussekind, 2006). Na observação dos temas presentes no *Diário de Porto Alegre*, os reclames de produtos,

imóveis, terrenos e animais aparecem em segundo lugar, sendo seguidos pelos anúncios de venda, compra, fuga e aluguel de escravizados. Na edição de 07 de agosto de 1827, foi publicado o seguinte reclame: “Vende-se uma morada de Casas de tijôlo, coberta de telha, assobradada, e forrada, com duas sallas na frente, com seus fundos competentes, sitas na Rua da Praia da Freguezia do Triunfo”.

Através desses *réclames*, como afirma Arruda (1985, p. 83), era possível entrever a sociedade: “Eles eram tanto mais simples quanto mais claros e objetivos seus conteúdos. É que nesse momento a mercadoria se resumia ao objeto anunciado. Pressupõe apenas a existência de uma sociedade mercantil. Entretanto uma sociedade na qual a precisão não havia ainda atingido o universo do discurso”. De acordo com a autora, o conteúdo dos *réclames* não variava muito, havendo mais uma preocupação em enumerar as qualidades dos objetos ou serviços anunciados do que em argumentar ou persuadir – essa tendência se estende até o final do século XIX e foi o que também se identificou no *Diário de Porto Alegre*, especialmente nos anúncios de produtos e imóveis. No exemplo acima, sequer é informado o número do imóvel ou um nome de referência para contato – aos leitores interessados em adquiri-lo, são fornecidas apenas informações gerais a respeito de sua estrutura e a rua em que está situado o imóvel.

Trata-se de um *réclame* muito próximo ao primeiro texto desse tipo publicado no Brasil. O anúncio que saiu na *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal editado no país, em 1808, também é marcado pela imprecisão: “Quem quiser comprar uma morada de casas de sobrado com frente para Santa Rita,

fale com Ana Joaquina da Silva, que mora nas mesmas casas, ou com o Capitão Francisco Ferreira de Mesquita, que tem ordem para as vender” (Arruda, 1985, p. 82). Neste caso, o leitor sabia a quem deveria se dirigir, mas, sobre o imóvel, era informado apenas que se tratava de casas de sobrado.

Os anúncios também remontam à organização urbana da época, quando o centro da cidade de Porto Alegre era caracterizado por becos e ruas de nomes curiosos, como a *Rua dos Pecados Mortais*, onde estava localizada uma venda de molhados anunciada na edição do dia 04 de agosto de 1827: “Quem quizer comprar hua venda de molhados na Rua dos Pecados Mortaes nº 24, derija-se à mesma Rua a tratar com seu dono”. Essa rua compreendia um trecho da Rua do Arroio, mas era pouco conhecida por esse nome, como explica Coruja (1983, p. 111): “Aí se edificaram as primeiras sete casinhas; e ou pela *quantidade* delas, ou pela *qualidade* das pecadoras que aí moravam, ou por ambos os motivos, o vulgo por gracejo a começou a chamar *os 7 pecados* ou *os pecados mortais*; nome que se perpetuará, embora queiram lhe sobrepor a placa de generais”.

Os anúncios de compra, venda, aluguel e fuga de escravizados, conforme apresentado na análise das seções, caracterizam-se pela objetificação das pessoas negociadas, que aparecem muitas vezes, inclusive, junto aos demais bens comercializados, como acontece na edição do dia 16 de julho de 1827: “Vende-se huma morada de Cazas, com cinco janelas na frente, corredor com bom quintal amurado, na Rua de Bragança Nº 12, e huma Escrava muito boa; quem quizer comprar dirija-se a Rua da Praia ao Armazém Nº 60 aonde achará com quem tratar tudo”.

O tratamento dado aos escravizados, nos anúncios dos jornais brasileiros, ao longo do século XIX foi objeto de estudo de diferentes pesquisadores, desde os primeiros trabalhos sobre o tema realizados por Freyre (2010), passando por estudos que discorrem sobre esses textos em recortes regionais (Schwarcz, 1987; Amantino, 2008; Bastos, 2016), chegando à investigação panorâmica sobre os escravos e o mundo da comunicação, de Barbosa (2016). De acordo com esta autora, até 1870, dois tipos de textualidades dominam as publicações quando as referências são os escravos: os anúncios que falam de suas fugas e os textos que enumeram, em colunas fixas, os nomes dos que foram presos nos espaços urbanos, por infringir as normas vigentes. Chama a atenção que, no *Diário de Porto Alegre*, embora a escravidão e a comercialização de pessoas apareça como algo natural e cotidiano, a notícia de prisão relacionada a um escravizado traz situação contrária: um homem branco envia carta ao jornal, denunciando ter sido preso injustamente por conta de violência cometida contra um *moleque* negro, como vimos anteriormente.

Como lembra Pesavento (1999, p. 29), pelas ruas e praças de Porto Alegre circulavam negros de ganho, pequenos comerciantes, artesãos, funcionários públicos, além de senhoras e cavalheiros da elite local. Ricas mansões vizinhavam com cortiços superlotados. Os conflitos entre esses diferentes grupos transformavam-se em notícia no *Diário de Porto Alegre*, onde também foram publicados outros relatos de prisões, assaltos e atentados. A naturalização da escravidão, neste jornal, pode também estar relacionada com a posição de sua equipe a respeito do assunto – ao morrer, o

impressor Estivalet teria deixado dois escravos: Roque, 15 anos, e Lourença, 20 (Haigert, 1999, p. 98).

Outros assuntos também têm lugar nas páginas do *Diário de Porto Alegre* com menor número de aparições, como mostra o Gráfico 2. Embora *Imprensa* tenha apenas duas menções no *corpus* analisado, vale destacar texto em defesa da liberdade de imprensa (03/08/1827), enviado para o jornal como resposta a artigo publicado no dia 20 de julho do mesmo ano: “Ora, o Governo Constitucional da Inglaterra, já há remotos anos, tem liberdade de imprensa, o dos Estados Unidos é estabelecido com essa faculdade [...] Como diz que até agora não há exemplo de hum só que com a liberdade de imprensa seja solidamente estabelecido?”. Tendo surgido após o fim da censura, o *Diário de Porto Alegre* garante o espaço para a defesa do que declara a Constituição de 1824, que garante a todos a possibilidade de “comunicar seus pensamentos, palavras, escritos e publicá-los na imprensa, sem dependência da censura” (Barbosa, 2010, p. 41).

A observação dos temas abordados pelo jornal permite ir além da discussão acerca de seu caráter oficial, questão que permanece em aberto. A análise permite afirmar que, nas páginas do *Diário de Porto Alegre*, transitaram personagens os mais diversos – generais e soldados envolvidos na Guerra Cisplatina, proprietários de terras e animais que colaboravam com o Estado, comerciantes, viajantes, homens e mulheres escravizados transformados em produtos, como também personagens centrais de conflitos do cotidiano. Ao publicar uma fatura de documentos oficiais, o periódico marca seu apoio ao governo da Província, em especial no

que diz respeito à guerra, embora essa relação também tenha sido de atritos que seriam, inclusive, um dos motivos de seu fechamento. Do mesmo modo, ao dar espaço para numerosos anúncios de compra e venda de pessoas negras, o jornal afirma e naturaliza a sociedade escravagista de então.

## **Considerações finais**

A análise dos conteúdos presentes nessas edições possibilitou a aproximação pretendida com o objeto de estudo. A pesquisa bibliográfica foi fundamental para o levantamento das diferentes e conflitantes versões existentes sobre a gênese da imprensa, no Rio Grande do Sul, e a história do *Diário de Porto Alegre* – mesmo não sendo possível afirmar qual versão corresponde, enfim, à história do jornal. A observação das 34 edições disponíveis revelou um periódico de *perfil* oficial (embora não se possa assegurar que se tratava realmente de folha oficial), mas que também registrava o dia-a-dia da Província.

Os ofícios, atos e relatos reunidos na seção *Declarações*, por exemplo, trazem informações sobre o governo, com especial destaque para as notícias sobre a Guerra Cisplatina, conflito armado que iniciou dois anos antes do lançamento do jornal e terminou no mesmo ano de seu fechamento, em 1828. São textos ricos em informações e opiniões, mas ainda distantes da roupagem jornalística de uma notícia – seriam hoje considerados apenas matéria-prima para notícias e reportagens.

O cotidiano da sociedade escravagista também está presente, nos abundantes anúncios que negociam pessoas escravizadas como simples produtos, e ao lado deles. As

trocas comerciais pretendidas, os diálogos, os desentendimentos e a violência de uma sociedade profundamente desigual se dão no espaço da rua de uma cidade em processo de urbanização e com horizonte de progresso, que passa, desde a primeira metade do século XIX, por uma complexa modificação econômica, social e política (Pesavento, 1999, p 28).

O percurso realizado permitiu a construção de apontamentos históricos sobre o *Diário de Porto Alegre*, em uma investigação que envolveu o contexto da década de 1820, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a origem dos equipamentos utilizados para a composição e impressão do jornal, a primeira fase da imprensa local, a tipografia e os profissionais responsáveis pelo jornal, além de seu conteúdo.

O *Diário de Porto Alegre* se aproxima das demais publicações do gênero que circularam na primeira metade do século XIX no Brasil, bastando citar o primeiro jornal editado no país, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, jornal oficial da corte de Dom João, que sai diretamente dos prelos da Impressão Régia, mas que, como lembra Barbosa (2010, p. 22), também incluía informações de interesse mais amplo para o público a que se dirigia.

## Referências

- AMANTINO, Marcia. Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do Jornal “O Universal” – 1825 a 1832. *Locus revista de história*. Juiz de Fora. V. 12, n. 2, p. 59-74, 2006.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *A embalagem do sistema: A publicidade no capitalismo brasileiro*. São Paulo: Duas cidades, 1985.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil*

- 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Escravos e o mundo da comunicação: oralidade, leitura e escrita no século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: 70, 1977.
- BARRETO, Abeillard. *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de Publicações e Concursos, 1986.
- BASTOS, Ana Karine Pereira de Holanda. *Anúncios de escravos: traços de mudanças e permanências de tradições discursivas nos jornais do Recife*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2016.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- CORUJA, Antônio Alvares Pereira Coruja. *Antigualhas: Reminiscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1983.
- COSTA FRANCO, Sérgio da. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Porto Alegre: Guia histórico*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- DAMASCENO FERREIRA, Athos. *Palco, salão e picadeiro em Pôrto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- ERICKSEN, Nestor. *O sesquicentenário da imprensa rio-grandense*. Porto Alegre: Sulina, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Apontamentos para a história da imprensa no Rio Grande do Sul / A imprensa do Rio Grande do Sul da abolição à República* (Separata dos anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia). Porto Alegre: Globo, 1940.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto

- Alegre: EDUFRGS, 2000.
- FREYRE, Gilberto. *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 4. ed. São Paulo: Global, 2010.
- HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1937: Discussão sobre critérios para uma periodização. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, 2006, Distrito Federal. *Anais...* [...] São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em: <goo.gl/SHZb65>. Acesso em: 07/10/2018.
- LESSA, Barbosa. *Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo*. Porto Alegre: AGE, 2002.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *História de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.
- MARTINS, Jorge S. *Redação publicitária: teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 1997.
- MELLO, Bruno Cesar Euphrasio de. *A cidade de Porto Alegre entre 1820 e 1890 – As transformações físicas da capital a partir das impressões dos viajantes estrangeiros*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.
- PARANHOS, Paulo. *A Casa da Suplicação do Brasil*, s.d. Disponível em: <https://goo.gl/ADZvpB>. Acesso em: 25/09/2018.
- PEREIRA, Aline Pinto. Relações de Poder: a disputa pela Província Cisplatina (1825-1828) em face da construção do Estado no Brasil. XXIII Simpósio Nacional de História (Anpuh), Londrina, 2005. *Anais...* [...] São Paulo: Anpuh, 2006. Disponível em <http://bit.ly/2uaaTbf>. Acesso em 19/08/2019.
- REVERBEL, Carlos. *Enciclopédia Rio-Grandense*. Porto Alegre:

- Sulina, 1968.
- \_\_\_\_\_. BONES, Elmar. *Luiz Rossetti: o editor sem rosto & outros aspectos da Imprensa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1996.
- RIBEIRO, Célia. *O jornalista farroupilha*. Porto Alegre: Libretos, 2012.
- RÚDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro*. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das letras. 1987.
- SILVA, Jandira; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Corag, 1986.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Graal. 1977.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras*. Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- VIANNA, Lourival. *Imprensa gaúcha (1827-1852)*. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (DAC-SEC), 1977.